


# Editorial

**Rayane Oliveira**

*Editora Adjunta*





No momento da escrita deste editorial e da publicação de mais uma edição da Revista Bagoas: Estudos gays - gêneros e sexualidade, nos deparamos com a triste notícia, divulgada pela mídia local, da morte da menina Maria Fernanda da Silva Ramos, de 12 anos, violentada sexualmente e brutalmente assassinada por um homem de 35 anos. A jovem Maria Fernanda desapareceu ao sair de casa em direção à escola, na região metropolitana de Natal, não sendo mais vista desde então. Seu corpo foi encontrado quatro dias depois, assim como o suspeito do crime, que foi detido pela polícia e confessou o abuso sexual e o homicídio.

A morte de Maria Fernanda reflete uma questão maior: como a violência de gênero, em sua expressão letal, o feminicídio, constitui uma perversa realidade ainda comum no Brasil e em muitos outros países. O caso de Maria Fernanda é mais um lembrete, ainda que doloroso, da necessidade contínua das lutas feministas, dos movimentos sociais, e dos grupos de direitos humanos, por uma sociedade menos violenta para meninas e mulheres, assim como para todos os grupos que possuem uma existência marcada por contextos de vulnerabilidade.

Outra lamentável notícia que nos surpreendeu recentemente foi a da morte de Paulo Renan. Homem gay e atuante nas lutas sociais, Paulo foi protagonista na construção da

agenda de lutas do movimento LGBT no Rio Grande do Norte, além de fundador da Articulação Potiguar LGBT (ARTPoty). Ele foi encontrado morto em sua casa, no município de Touros, no dia 7 de novembro de 2024, em circunstâncias que sugerem assassinato. O caso aguarda o resultado da autópsia e das investigações, mas os indícios levam a crer, com base nas características, que se trata de fato de um homicídio. Em reportagem à agência Saiba Mais, uma sobrinha da vítima afirmou que, ainda que as investigações estejam em andamento, a família acredita que o crime foi motivado por homofobia.

A violência letal motivada por homofobia é uma das formas mais extremas de uma série de outras violências que se manifestam de diferentes maneiras, como na precarização de existências consideradas desviantes, nos discursos desumanizantes, nas agressões psicológicas, simbólicas, físicas, entre outras, que são corriqueiras na vida dessas pessoas. Por meio dos discursos que desqualificam, desumanizam e elencam os “corpos que (não) importam” (Butler, 2019), prepara-se o terreno para as formas mais extremas da violência homofóbica. Considerar homossexuais como sujeitos abjetos e perigosos, diminuí-los, discriminá-los ou silenciar-se diante de agressões são atitudes que funcionam como alicerces que criam e legitimam a base na qual as violências letais são praticadas contra esses sujeitos.

O fio da faca que esquarteja, ou o tiro certo nos olhos, possui aliados, agentes sem rostos que preparam o solo para esses sinistros atos. Sem cara ou personalidade, podem ser encontrados em discursos, textos, falas, modos de viver, modos de pensar que circulam entre famílias, jornalistas, prefeitos, artistas, padres, psicanalistas etc. Destituídos de aparente crueldade, tais aliados amolam a faca e enfraquecem a vítima, reduzindo-a a pobre coitado, cúmplice do ato, carente de cuidado, fraco e estranho a nós, estranho a uma condição humana plenamente viva. (Baptista, 1999, p. 46).

Ao lamentarmos a morte de Maria Fernanda, que tão jovem conheceu a violência de gênero em sua mais dura face, e a de Paulo Renan que, segundo os indícios, foi mais uma vítima da violência letal por homofobia, e ao reconhecer também o sofrimento que suas ausências agora deixam a família e amigos, pensamos que nossa indignação deva ser convertida em ação, por meio da continuidade das lutas por uma sociedade mais justa e menos violenta. Seja através da mobilização social, da educação ou das reflexões críticas, devemos nos posicionar contra todas as expressões das violências como base no gênero ou na sexualidade.

Como temos feito ao longo de tantas edições da Bagoas, continuamos a denunciar cenários como esses e a mobilizar reflexões teóricas e empíricas em busca da construção de contextos de não violência. Mais uma edição da Bagoas chega aos seus leitores e leitoras reafirmando

nosso propósito de oferecer reflexões críticas em torno de questões que não são apenas de interesse teórico-acadêmico mas igualmente de interesse social e político.

Os textos publicados em nossa vigésima quarta edição são oriundos do fluxo contínuo de recepção da revista, e seguem reafirmando os tópicos de interesse do periódico. A proposta segue sendo a de oferecer análises críticas que vão além do foco nos estudos *gays*, *lésbicos* e *queer*, abrangendo também teoria social, direitos humanos, cultura e política. A publicação deste número foi possível graças a valiosa contribuição de todas as pessoas envolvidas: os autores que nos enviaram seus trabalhos de pesquisa e reflexões que abordam diferentes dimensões das questões de gênero e sexualidade; a equipe de pareceristas que colaboram conosco na avaliação das propostas recebidas; e a dedicada equipe editorial. Reunimos, mais uma vez, reflexões sobre temas como teorias feministas, masculinidades, transexualidades, medicalização das sexualidades, dentre outros, que compõem o atual número.

Esperamos que nossos leitores e leitoras apreciem os textos publicados nesta edição, assim como nós apreciamos sua criação. Boa leitura!

Rayane Oliveira

Editora adjunta

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alisson. **Família de Paulo Renan diz que militante LGBT foi vítima de crime de homofobia**. Saiba Mais, 12 nov. 2024. Disponível em: <https://saibamais.jor.br/2024/11/familia-de-paulo-renan-acredita-que-o-militante-lgbt-foi-vitima-de-crime-de-homofobia/>. Acesso em: 13 nov. 2024.

BAPTISTA, Luís Antônio. “A Atriz, o Padre e a Psicanalista – Os Amoladores de Facas”. In: **Cidade dos Sábios**. São Paulo: Summus, 1999.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. São Paulo: n-1 edições, 2019.